



## ELEMENTOS IDEOLÓGICOS NOS RECONTOS DE MITOS UNIVERSAIS EM "MONSTROS MITOLÓGICOS", DE LUIZ ANTONIO AGUIAR

Natália Cristina Martins de SÁ

Graduação em Letras - Universidade Estadual de Londrina

**RESUMO:** Este trabalho tem o objetivo de investigar como se dão os recontos de histórias mitológicas a partir da obra *Monstros mitológicos* (2007), de Luiz Antonio Aguiar e como isso pode ser utilizado em um primeiro contato dos alunos de Ensino Fundamental (Anos Finais) com relação aos mitos e a representação de mundo que eles proporcionam. Para isso, utilizaremos os postulados acerca do letramento literário, conforme desenvolvido por Rildo Cosson (2006), e o conceito de intertextualidade, de acordo com os textos de Tiphaine Samoyault (2008). Será trabalhada a maneira como os contos mitológicos, recontados ao longo da história humana, chegam ao público adolescente por meio da perspectiva de Aguiar, com suas atualizações e intertextualidades em relação a outras obras sobre mitologia. Será analisado também como aspectos ideológicos podem influenciar o contato do leitor em formação com a cultura clássica e a implicação que isso tem na prática docente, fornecendo subsídios ao professor de Língua Portuguesa no Ensino Básico para o trabalho da mitologia com os estudantes, levando-os, para além da simples leitura, ao letramento crítico.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Mitologia; reconto; formação*

**ABSTRACT:** *This academic work the objective to search how are made the recounts of mythological stories starting from the work 'Monstros mitológicos' (2007), by Luiz Antonio Aguiar and how it can be utilized in a first contact for Elementary School students (Last Years) related to the myths and the representation of the world that it provides. For that, we'll use the postulates about the literary literacy, according to its development by Rildo Cosson (2006), and the concept of intertextuality, in accordance with the texts of Tiphaine Samoyault (2008). It'll be worked the method of how the mythological stories, recounts over the human history, reach the teenage public by the perspective of Aguiar, with his updates and intertextualities in relation to other mythology works. It'll be also analyzed how ideological aspects can influence on the contact of the reader in formation with the classic culture and the implications that it has in the teaching practice, providing subsidies to the Portuguese Language teacher in the Basic Education for the mythology work with the students, leading them for beyond the simple reading, to the critical literacy.*

**KEYWORDS:** *Mythology; recount; formation*

### Introdução

Este trabalho, com a análise da obra *Monstros mitológicos* (2007), de Luiz Antonio Aguiar, tem o objetivo de investigar como se dão os recontos de histórias mitológicas pela perspectiva deste autor e como isso pode ser utilizado para propiciar o alargamento de horizonte dos alunos de Ensino Fundamental (Anos Finais) com relação aos mitos e a representação de mundo que eles proporcionam. Para esta análise utilizaremos os postulados acerca do letramento literário, conforme desenvolvido por Rildo Cosson (2006), e o conceito de intertextualidade de acordo com os textos de Tiphaine Samoyault (2008). Em *Monstros mitológicos*, utilizando uma linguagem acessível ao público infantojuvenil, Luiz Antonio Aguiar reconta as histórias de Minotauro, Cérbero, Golem, Nidhogg, Adamastor, Basilisco, Esfinge, Garuda, Grifo, Medusa, Ti-Lung e Youkais e outros símbolos e pesadelos criados pelo homem como forma de representação de mundo, inserindo a mitologia no contexto dos estudantes, despertando seu interesse em relação aos mitos e proporcionando um diálogo entre



a obra de Aguiar, o imaginário dos alunos e outros suportes que abordam a mitologia. Será trabalhada a maneira como os contos mitológicos, recontados ao longo da história humana, chegam ao público adolescente por meio da perspectiva de Aguiar, com suas atualizações e intertextualidades em relação a outras obras sobre mitologia. Será analisado também como aspectos ideológicos podem influenciar o contato do leitor em formação com a cultura clássica e a implicação que isso tem na prática docente, fornecendo subsídios ao professor de Língua Portuguesa no Ensino Básico para o trabalho da mitologia e de obras já canonizadas com os estudantes.

### **Letramento e literatura**

Nas aulas de Língua Portuguesa, práticas de leitura assumem papel fundamental no letramento dos estudantes, desde a alfabetização até o fim do Ensino Básico. Sendo alfabetismo e letramento conceitos que acompanham todo o trabalho com língua materna, é importante abordar as diferenças entre eles.

Soares definiu alfabetização como “ação de ensinar/aprender a ler e a escrever” (1998, p.47) e letramento como “estado ou condição de quem não apenas sabe ler e escrever, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita” (1998, p.47). De acordo com Rildo Cosson, letramento “trata-se não da aquisição da habilidade de ler e escrever, como concebemos usualmente a alfabetização, mas sim da apropriação da escrita e das práticas sociais que estão a ela relacionadas” (2006, p. 11).

Além dessa diferença, letramento e alfabetismo divergem em outros pontos:

[...] o termo *alfabetismo* tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e lingüísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo *letramento* busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam eles valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrindo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural. (ROJO, 2009, p. 98)

Portanto, o alfabetismo é adquirido individualmente, enquanto o letramento depende da coletividade, recobrindo contextos sociais diversos em que diferentes práticas sociais são solicitadas às pessoas, independentemente das práticas mais valorizadas pela escola. Diferenciando-se alfabetismo e letramento, portanto, pode-se afirmar que a escola, ao mediar o desenvolvimento de competências de alfabetismos e de letramentos, mais do que ensinar um código escrito aos alunos, precisa também inserir as habilidades de leitura e escrita em práticas sociais significativas, para, além de uma simples decodificação, uma leitura que exija dos estudantes seus conhecimentos prévios e a partir da qual seu conhecimento de mundo – partindo da bagagem que o leitor já carrega - seja ampliado: “[...] já compreendemos que nosso problema não é apenas ensinar a ler e a escrever, mas é, também, e sobretudo, levar os indivíduos - crianças e adultos - a fazer uso da leitura e da escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e de escrita” (SOARES, 1998, p. 58).

Tendo em vista o desenvolvimento da alfabetização e do letramento em sala de aula, não é aconselhável que eles sejam trabalhados de maneira superficial, mas de forma profunda, gerando leitores críticos. Na formação de leitores críticos, a literatura assume uma função importante ao envolver estes leitores em práticas sociais de escrita, com o diálogo com o texto e com os outros, abrindo espaço a diversas possibilidades de partilha de impressões,



conhecimentos e experiências e questionamento, de maneira que os alunos sejam conduzidos, para além da decodificação, ao letramento crítico.

### **Atualidade da obra, intertextualidade e letramento literário**

A obra *Monstros Mitológicos* (2007), de Luiz Antonio Aguiar traz 12 recontos de histórias clássicas de mitologia: grega, judaica, egípcia, nórdica, entre outras. Estas histórias de mitologia carregam em si a cultura, os costumes, as preocupações e as crenças do povo que as criou e desenvolveu, como mostra Walter Benjamin: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes” (BENJAMIN, 1987, p. 201). Assim, os contos mitológicos – criados e difundidos pela tradição oral – trazem marcas de experiência não de uma pessoa, mas de povos. Seguindo esta mesma linha, Bakhtin mostra que:

Cada conjunto verbalizado grande e criativo é um sistema de relações muito complexo e multiplanar. Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais (as vozes dos matizes lexicais, dos estilos, etc.), quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente. (BAKHTIN, 2011, p. 330)

Essas narrativas, de diferentes tempos e culturas, têm uma multiplicidade de imaginários, de conjuntos verbalizados, que possibilita diálogo e intercâmbio entre leitor e obra. Em todas as palavras, há vozes – nunca apenas uma única voz - que se superpõem e entrelaçam-se e abrem a possibilidade de questionamento sobre quais vozes aparecem em casa conto. Ao serem trazidas originalmente a leitores em formação (estudantes que cursam o Ensino Fundamental – Anos Finais), porém, muito do conteúdo dessas narrativas ricas se perde por alguns fatores, como a linguagem utilizada, por vezes intransponível aos jovens, desestimulando a leitura.

Mais do que obras novas re-escritas, porém, Luiz Antonio Aguiar completa lacunas e enriquece cada um de seus contos com intertextualidade, de maneira que a leitura dos recontos torna-se plurilateral: “A unilateralidade e as limitações do ponto de vista (da posição do observador) sempre podem ser corrigidas, completadas e transformadas (enunciadas) com o auxílio das mesmas observações levadas a cabo de outros pontos de vista” (BAKHTIN, 2011, p. 330).

Assim, é o leitor quem cria o ponto de vista a partir de suas observações – pontos de vista já alterados pelas diversas vozes que perpassam o texto -, corrigindo, completando e transformando o sentido de cada conto. Há o diálogo da literatura recontada com a literatura já conhecida e narrada em outros tempos e a metalinguagem artística imbricando obras de tempos diferentes permitindo que suas leituras sejam novas, seus horizontes sejam ampliadas, e o clássico e o contemporâneo relacionem-se mutuamente e a leitura e diálogo de cada interlocutor com o texto, que o alteram e completam. O reconto não é apenas o conto em formato, linguagem ou mídia diferente do conto original, mas uma obra independente, que surgiu tendo por base o conto, mas diferenciou-se dele em ideologia, autor, processo de produção, meios de publicação e divulgação, e, inclusive, em conteúdo (apesar de o mote principal permanecer o mesmo, o ponto de vista sobre a narrativa é alterado). Tiphaine Samoyault postula que: “Pensar bem a noção de intertextualidade permite sair da posição estanque que divide os críticos, segundo a qual ou a literatura fala do mundo, ou ela fala apenas de si mesma; de fato a intertextualidade reúne estas duas propriedades opostas [...]” (SAMOYAUULT, p. 103)

A intertextualidade estabelecida por Luiz Antonio Aguiar ao recontar obras clássicas permite que seus recontos sobre os monstros tratem, simultaneamente dos monstros mitológicos; do imaginário clássico; das culturas grega, judaica, egípcia, nórdica, japonesa, chinesa, hindu e romana, relacionadas entre si ou não; de anseios e medos humanos por detrás das imagens retratadas nos contos – ou seja, do mundo retratado nesta Literatura – e da própria Literatura, na maneira de recontar, de fazer uma nova Literatura partindo da já existente.

Essa intertextualidade que Luiz Antonio Aguiar estabelece com o passado permite também uma visão de um passado que, apesar de antigo, tem simultaneidade com o contemporâneo, é constantemente atualizado pelos temas que não perderam a atualidade (pela vivência deles ainda hoje e pela memória cultural), e, pelo intertexto, renovam-se ainda mais: “O passado esta aí [na memória cultural] sempre mudando, presente e sobrevivente, e pode ter aí a simultaneidade daquilo que não é mais contemporâneo.” (SAMOYULT, P. 96). Essa simultaneidade, portanto, do passado sobrevivente não contemporâneo confere às obras uma atualidade diferente, em que o próprio passado configura-se como atual, apesar de sua não contemporaneidade.

Dessa forma, Aguiar, em sua obra, reconta estas obras clássicas e ricas em cultura e experiências com uma linguagem mais acessível, atualizando, assim, estas narrativas. Cosson (2009) conceitua textos atuais não como contemporâneos, publicados no tempo do leitor, mas textos que possuem um significado para o leitor em seu tempo. “É essa atualidade que gera a facilidade e interesse dos alunos” (COSSON, 2009, p. 34).

Tanto por trazer as obras clássicas mostrando sua atualidade não perdida quanto por suscitar relações intertextuais, a obra de Luiz Antonio Aguiar suscita reflexões dos leitores em formação. O intertexto é trazido em dois âmbitos: há as relações entre os recontos e os contos originais; e as relações entre os contos e outras obras – inclusive veiculadas por outras mídias – que fazem parte do contexto dos adolescentes, como a figura do *Basilisco*, da *Medusa*, do *Cérbero*, de *Lóki* e *Odin*, entre outras. Essa exploração e diálogo entre textos solicita o leitor em quatro planos, como mostra Samoyault:

O leitor é solicitado pelo intertexto em quatro planos: sua memória, sua cultura, sua inventividade interpretativa e seu espírito lúdico são frequentemente convocados juntos para que ele possa satisfazer à leitura dispersa, recomendada pelos escritos que superpõem vários extratos de textos e, portanto, vários níveis de leitura [...] (SAMOYULT, p. 91)

Essa leitura de textos com intertextualidade em vários níveis – e de várias maneiras diferentes - exige, portanto, dos leitores, conhecimentos prévios e conhecimentos partilhados que fazem parte da memória cultural, tanto da cultura do leitor quanto da cultura da qual surgiu o conto, e exige e estimula a criticidade. A intertextualidade também estimula a criticidade à medida que “permite uma reflexão sobre o texto, colocado assim numa dupla perspectiva: relacional (intercâmbios entre textos) e transformacional (modificação recíproca dos textos que se encontram nessa relação de troca)” (SAMOYULT, p. 67).

Assim, a relação e o diálogo de um texto com o outro, de uma mídia com a outra, de uma época com a outra e de uma atualidade com a outra (a “atualidade nova” com a “atualidade antiga” – sem deixar de ser atual – por assim dizer), estimula o letramento em diversos níveis, para além da decodificação, mediando o desenvolvimento de uma leitura crítica. Luiz Antonio Aguiar, portanto, ao trazer os recontos intertextuais a leitores em formação, auxilia o desenvolvimento do interesse e a facilidade de leitura dos alunos a obras



clássicas, possibilitando a eles o acesso a narrativas antigas que nunca deixaram de ser atuais e suscita discussões, reflexões e críticas a partir da leitura.

### **Literatura, ideologia e letramento**

Terry Eagleton, ao relacionar literatura e ideologia, postulou que “Toda arte surge de uma concepção ideológica do mundo; não existe [...] qualquer obra de arte que seja inteiramente livre de conteúdo ideológico.” (EAGLETON, 1943, p. 37). Toda obra é, portanto, permeada por uma visão ideológica, de acordo com as visões e ideologias de autores, povos, épocas, imaginários e crenças. Eagleton também aponta que:

A ideologia representa as maneiras imaginárias com que os homens vivem e concebem o mundo real, o que é, naturalmente, o tipo de experiência que a literatura também nos proporciona - a sensação de viver em determinadas condições em vez de uma análise conceitual dessas condições. Porém, a arte não se limita a refletir essa experiência passivamente. A arte encontra-se imersa em ideologia, mas também consegue se distinguir dela, a ponto de nos permitir “sentir” e “observar” a ideologia de onde surge. (EAGLETON, 1943, p. 38 e 39)

Ao carregar, portanto, diferentes ideologias, cada obra traz valores ideológicos de seu tempo, cultura e os narradores por quem a narrativa já foi tecida. Em recontos, atua ainda mais um fator ideológico na obra: a intertextualidade. De acordo com Tiphaine Samoyault, “[...] a intertextualidade não é mais apenas a retomada da citação ou da re-escritura, mas descrição dos movimentos e passagens da escritura na sua relação consigo mesma e com o outro.” (SAMOYAUULT, 2008, p. 11). Considerando, portanto, que a obra de Luiz Antonio Aguiar carrega ideologias imbricadas aos próprios contos, à intertextualidade e à maneira de recontar, ela leva aos leitores em formação experiências múltiplas, abrindo possibilidade a diversos questionamentos que tornam propício o desenvolvimento de criticidade na leitura.

### ***Monstros Mitológicos e formação de leitores***

A obra *Monstros Mitológicos*, de Luiz Antonio Aguiar, faz parte da coleção *Mitos em Contos*. São histórias adaptadas sobre 12 monstros que assombraram a humanidade, em tempos e culturas diferentes. Após cada história recontada por Aguiar, o livro *Monstros Mitológicos* traz comentários sobre o local, a época e a cultura em que foram criadas e difundidas as narrativas sobre estes monstros.

O primeiro reconto é nomeado *Medusa, diante do espelho*, que narra como Medusa, da mitologia grega, tornou-se um monstro e como foi derrotada por Perseu. No comentário que é feito no livro sobre a história de Medusa, é possível perceber que Luiz Antonio Aguiar tomou por base para o reconto a obra *Odisseia* (grifos do autor):

Na **Odisseia**, de Homero – texto fundamental da mitologia grega, escrito, acredita-se, no século VIII a. C. -, a Medusa é a guardiã de uma das entradas dos reinos infernais.

Ela é um dos monstros mitológicos que, até hoje, inspira o maior número de interpretações. (AGUIAR, 2007, p. 20)

O reconto sobre a Medusa, portanto, leva em conta as mais variadas interpretações sobre este monstro que popularizou-se e participa do imaginário de diversas obras, em mídias diferenciadas, facilitando o interesse de jovens leitores sobre a história que provoca fascínio e horror. A partir da leitura deste reconto, é possível levantar questionamentos com os alunos acerca de elementos que permeiam a história da Medusa, como a importância da beleza que a





personagem tinha e lhe foi tirada; a transformação visual da personagem em um monstro seguida de sua transformação interior, conferindo-lhe maldade; o fato de o herói utilizar os poderes da personagem contra ela própria – características do imaginário mitológico grego que, se vistos como analogia, participam da vida humana até a atualidade.

O segundo reconto é nomeado *Niddhogg, a serpente do final dos tempos*, e trata da crença da mitologia nórdica sobre a destruição de *Asgard* pela serpente *Niddhog*, ao destruir as raízes de *Yggdrasill*, a árvore sagrada, e perverter o equilíbrio dos mundos. Este conto também pode aproximar-se do imaginário dos alunos por trazer figuras da mitologia nórdica, como *Odin* e *Lóki*, também populares em diversos tipos de mídias – como a cinematográfica – que fazem parte do contexto dos adolescentes. Com o imaginário próximo dos adolescentes, este conto propicia o interesse dos jovens leitores, abrindo espaço a leituras e reflexões diversas sobre a corda-bamba estabelecida entre a criação e a destruição, separadas pela tênue – e frágil – sensação de equilíbrio.

O terceiro reconto é nomeado *Youkais, os não vivos*, que trata do festival de honra aos mortos realizados pelos japoneses. Este conto traz, porém, não só o imaginário japonês, mas também o contato de múltiplas culturas:

A religião fundada por Buda, na Índia, século VI a. C., o budismo chegou ao Japão já no século VI de nossa era. Lá, encontrou lendas, deuses e demônios milenares, e absorveu-os. Mas também levou seus deuses e demônios, que se misturaram aos que existiam na tradição japonesa. (AGUIAR, 2007, p. 36)

Este reconto traz, portanto, elementos de religiões e culturas diferente e fundidos uns aos outros, dialogando entre si e alterando-se, possibilitando multiplicidade de leituras e interpretações acerca de temas desejados e temidos por todas as culturas: o encontro entre a vida e a morte.

O quarto conto é nomeado *Cérbero, o guardião do inferno*, que descreve *Cérbero*, fala sobre sua ascendência e sua função de guardar o Reino de Hades e conta sobre sua luta contra *Héracles*. Sendo *Cérbero* um monstro da mitologia grega muito popular entre os adolescentes, este conto possibilita discussões e diálogos sobre o cão que guarda as portas do inferno e as analogias que esse monstro pode fazer com desafios humanos.

O quinto conto é nomeado *Ti-Lung, O senhor das tempestades* e trata do desenvolvimento e das buscas do dragão *Ti-Lung*. A história deste dragão comum na cultura oriental e pouco conhecido na cultura ocidental possibilita múltiplas interpretações e um diálogo entre o desenvolvimento e as buscas do dragão ao desenvolvimento e às buscas humanas.

O sexto conto, *Golem, à imagem e semelhança do homem*, narra a história sobre a criação e a destruição do monstro *Golem*. Traz elementos da cultura judaica e carrega dois traços de intertextualidade: a intertextualidade que o reconto estabelece com o conto originário da tradição oral; e a intertextualidade que o título do reconto *Golem, à imagem e semelhança do homem* estabelece com histórias bíblicas acerca de o homem ter sido criado à imagem e semelhança de Deus (ressaltando, portanto, a virtuosidade humana) e de *Golem*, um monstro, ter sido criado à imagem e semelhança do homem (ressaltando, portanto, a monstruosidade humana)

O sétimo conto é nomeado *Esfinge, a senhora dos enigmas*, e descreve a *Esfinge* e narra os enigmas lançados por ela e decifrados por *Édipo*, tratando também sobre um pouco



da história deste herói trágico. Mais uma história que traz elementos da mitologia grega, este conto discorre também sobre receios humanos:

O receio do ser humano quanto ao que lhe reserva o destino, que o leva aos oráculos e a todas as artes divinatórias, presentes em quase todas as culturas, se contrapõe ao livre-arbítrio, à capacidade de a pessoa tomar decisões, mudar sua vida, vencer o destino. (AGUIAR, 2007, p. 76 e 77)

Assim, o reconto suscita intertextualidade com a mitologia, de que trata, e também com ansiedades humanas, presentes desde a antiguidade até a atualidade.

O oitavo conto, *Adamastor, o gigante das tormentas*, narra a transformação de Adamastor em rocha e estabelece relação intertextual com a origem deste monstro, na mitologia grega e com a obra *Os Lusíadas*, de Camões, em que há sua reaparição. O conto, carregador de marcas de várias culturas diferentes, dialoga com crenças gregas clássicas sobre o desejo de buscar o desconhecido - contrariando os deuses - acarretar tragédias ao ser humano; crenças mouras medievais sobre o desejo de buscar o desconhecido sendo alcançada pela habilidade humana - mesmo que contrariando os deuses -; e anseios atuais - de todas as épocas - sobre o fascínio e horror provocados pelo desconhecido.

O nono conto é nomeado *Basilisco, o tirano das serpentes*, descreve uma possível indecisão sobre a existência ou não do Basilisco, figura temida na mitologia romana. Além da popularidade da figura do Basilisco - sendo recriado por diversas mídias - entre os adolescentes, este conto traz à tona fronteiras entre a imaginação e a ciência.

O décimo conto, *Grifo, os segredos do reino celeste*, fala sobre algumas conquistas de Alexandre, O Grande, seus desejos de conquistar o reino celeste, cavalgando um grifo, e seu retorno posterior à Terra. Perpassado por elementos da cultura grega e egípcia e mesclando crenças à história e literatura, o conto suscita a reflexão sobre a insaciedade dos desejos de conquistas.

O décimo primeiro conto, *Garuda, aquele que abre os portais da imaginação*, descreve o monstro Garuda e sua transformação - de monstro, a deus. Carregando elementos da cultura hinduísta, este conto estabelece intertexto com a arte e com a própria literatura, pois:

Garuda, que também teria muitas discípulas dedicadas à mesma tarefa, todas elas, como ele, com corpo mortal, mas grandes e rijas asas, seria o responsável por aplacar a fome que não passa com alimento... ou seja, por dotar os seres humanos da capacidade de criar outros mundos. (AGUIAR, 2007, p. 106)

O último conto trazido em *Monstros Mitológicos* é nomeado *Minotauro, a besta e seu labirinto*, e trata do nascimento do Minotauro, sua prisão no labirinto, as lutas travadas entre ele e os humanos e a vitória de Teseu sobre o monstro. O conto, com a figura mitológica grega do Minotauro, muito popular entre os adolescentes, suscita reflexões sobre buscas e batalhas humanas, atuais na literatura clássica e que não perderam a atualidade nos recontos infantojuvenis contemporâneos.

### Conclusão

Neste trabalho, com a análise da obra *Monstros mitológicos* (2007), de Luiz Antonio Aguiar, foi investigado como se dão os recontos de histórias mitológicas pela perspectiva deste autor. Procurando relacionar a obra de Aguiar aos contos clássicos, já canonizados, a



análise também relaciona os recontos a conceitos de alfabetismos e letramentos, fornecendo subsídios ao professor de Língua Portuguesa (como língua materna) trabalhar mitologia e intertextualidade com os alunos (do Ensino Fundamental – Anos Finais), conduzindo-os ao desenvolvimento de um letramento literário crítico. A análise de cada um dos doze contos presentes nesta obra busca esclarecer de que trata cada conto e quais reflexões podem suscitar em sala de aula, sempre mantendo a atualidade das narrativas e solicitando leituras intertextuais dos estudantes, para que preencham as lacunas do texto e completem o sentido a partir de suas experiências, unindo conhecimentos prévios particulares e conhecimento compartilhado presente na memória cultural e tendo, a partir deste reconto, um contato inicial com obras mitológicas clássicas que posteriormente (após atingirem um nível de letramento que lhes permita leituras mais complexas) poderão ser-lhes apresentadas em sua versão original para novas possibilidades de leituras ainda mais aprofundadas, formando leitores sub-reptícios.

### Referências

- AGUIAR, Luiz Antonio. **Monstros mitológicos**. São Paulo: Quinteto Editorial, 2007.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas. Magia e técnica, arte e política**. 3.ed. São Paulo: editora brasiliense, 1987, v.I.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2009.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos – Escola e Inclusão Social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SOARES, Magda. **Letramento – Um Tema Em Três Gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1998.